

JUVENTUDE E TERRITÓRIO: EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA PARA RESILIÊNCIA E REDUÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES EM PETRÓPOLIS/RJ

Aixa Teresinha Melo de Oliveira¹, Camila Ponte², Patrícia Ferreira de Souza Lima³
(¹Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CefetRJ UnEd Petrópolis, ²GARDE - Redução do Risco de Desastres e Meio Ambiente, ³Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - Cefet/RJ UnEd Petrópolis, patricia.lima@cefet-rj.br)

RESUMO

Em cooperação técnica pela educação para a Redução de Riscos de Desastres, Cefet/RJ UnEd Petrópolis e OSC GARDE implantam programa de formação participativa voltado a estudantes do ensino médio integrado ao técnico em Telecomunicações, articulando diagnóstico territorial, investigação histórica e geográfica e disseminação ativa comunitária. Com base em abordagem de Pesquisa-Ação Participativa, o projeto Juventude e Território empregou ferramentas como caminhadas, elaboração de mapas e registros fotográficos para promover o reconhecimento do território pelos jovens e fomentar a participação ativa na gestão do risco. O estudo de caso, de caráter qualitativo e exploratório, evidencia que a incorporação das dimensões sociais, culturais e subjetivas, especialmente o tratamento das afetividades, é determinante para o engajamento juvenil em contextos marcados por desastres. Os resultados preliminares apontam para ampliação do olhar crítico dos estudantes sobre as vulnerabilidades e capacidades do seu território, bem como para o fortalecimento de redes interinstitucionais de resiliência urbana.

Palavras-chave: Cooperação Técnica; Ensino Médio Técnico; Pesquisa-Ação Participativa; Sub-Bacia do Rio Quitandinha; Bacia do Rio Piabanha.

INTRODUÇÃO

Os desastres de origem socioambiental têm se intensificado nas últimas décadas em escala global, resultando em perdas humanas, econômicas e culturais desproporcionalmente severas sobre populações em situação de vulnerabilidade (UNDRR, 2020). No Brasil, a Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro constitui um dos territórios mais afetados por esse fenômeno, com episódios recorrentes de deslizamentos e inundações que expõem as limitações das políticas públicas de prevenção e resposta. A cidade de Petrópolis acumula um trágico histórico de desastres que impõe a urgência de consolidar culturas locais de resiliência fundamentadas na participação social e na educação crítica. Nessa perspectiva, o risco é compreendido como uma construção socioambiental histórica, e não apenas um fenômeno natural isolado. A leitura territorial torna-se central ao integrar a análise da produção do espaço urbano — marcada por exclusões históricas e pelo desrespeito ao planejamento original — e as profundas desigualdades socioespaciais que definem a vulnerabilidade de populações em áreas de encostas e margens de rios (Santos, 2006).

Nesse contexto, a unidade de ensino descentralizada de Petrópolis do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) e a Organização da Sociedade Civil GARDE vêm consolidando, desde 2020, uma trajetória conjunta de cooperação voltada à Redução de Risco de Desastre na Região Serrana fluminense. O primeiro marco desta parceria foi a realização de um encontro virtual em 2021, reunindo atores regionais para debater os desafios da RRD na Serra Fluminense. Nesse mesmo período, membros das duas instituições participaram ativamente da articulação que resultou na criação da Rede Ser.ra, coletivo dedicado ao fortalecimento de iniciativas territoriais de resiliência e justiça socioambiental.

A cooperação técnica foi formalizada em março de 2023, com foco na sensibilização de jovens estudantes por meio de eventos formativos sobre tópicos transversais a RRD, incluindo moradia e planejamento urbano, e saúde mental pós-desastre. Ao todo, as atividades de extensão decorrentes do primeiro ano de cooperação sensibilizaram cerca de 120 pessoas. Os resultados foram posteriormente apresentados no IV END - Encontro Nacional de Desastres da ABRHidro, realizado em Curitiba em 2024 (Melos et al., 2024).

Ao longo dessas ações, as duas instituições identificaram um desafio persistente: os jovens demonstravam dificuldade em acessar e elaborar a questão do risco, em parte devido às marcas deixadas por experiências traumáticas com desastres (Börner, 2023). Essa constatação orientou a concepção de um programa de dois anos, lançado em 2025, voltado especificamente aos estudantes do ensino médio do Cefet/RJ Petrópolis. O presente artigo narra e analisa o primeiro ano desse programa, com o objetivo de identificar os efeitos da abordagem participativa orientada sobre o engajamento juvenil e sobre a formação de uma consciência territorial crítica.

A educação formal e não formal desempenha papel estratégico na construção de culturas de prevenção e na redução da vulnerabilidade de comunidades expostas a riscos (UNDRR, 2020). O Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030 reconhece explicitamente a necessidade de integrar a RRD aos currículos escolares e de promover a participação ativa de crianças e jovens nos processos de gestão do risco. Estudos sistemáticos apontam que iniciativas educacionais precoces aumentam os índices de resiliência dos estudantes, de suas famílias e das comunidades às quais pertencem (Cavanagh et al., 2021).

Ao mesmo tempo, a dimensão psicossocial dos desastres tem recebido crescente atenção na literatura especializada. Sabe-se que populações expostas a eventos extremos, especialmente crianças e jovens, frequentemente desenvolvem respostas traumáticas que comprometem sua capacidade de perceber, elaborar e agir diante dos riscos (Bruck, 2007; Barbosa et al., 2023). As reações podem variar desde o estresse agudo e o transtorno de estresse pós-traumático até formas mais difusas de angústia, evitação e paralisia frente a temas relacionados a desastres.

Susanne Börner (2023) argumenta que as emoções associadas ao risco crônico precisam ser integradas explicitamente às estratégias de preparação. A autora propõe que programas educacionais eficazes devem criar espaços de escuta e elaboração afetiva, de modo que os jovens possam ressignificar suas experiências traumáticas e desenvolver agência ante os riscos que os cercam. A pesquisa de Börner (2023) foi desenvolvida no Brasil, no Estado de São Paulo, explorando como jovens em contextos de vulnerabilidade socioambiental podem construir resiliência de longo prazo quando apoiados por metodologias participativas que contemplem sua subjetividade.

No âmbito pedagógico, essa abordagem foi operacionalizada por meio de metodologias de leitura territorial inspiradas no diálogo da tradição de campo da geografia com a abordagem investigativa da história. As atividades incluíram caminhadas exploratórias pelo entorno da escola, registros fotográficos do espaço urbano, exercícios de cartografia sensível e observação sistemática da paisagem, buscando estimular nos estudantes a percepção crítica das dinâmicas socioespaciais e das vulnerabilidades presentes no território. Essas práticas dialogam com estudos sobre percepção e experiência do lugar na geografia (Tuan, 1980; Gomes, 2013), bem como com abordagens contemporâneas de análise da vida urbana e da caminhabilidade (Gehl, 2013; Speck, 2017), que valorizam o olhar atento ao cotidiano da cidade como ferramenta de compreensão e transformação do espaço.

Essa perspectiva converge com os estudos sobre resiliência comunitária, que enfatizam a importância das redes de apoio social, da fé, da memória coletiva e do senso de pertencimento ao território como recursos protetivos diante de experiências de perda e ruptura (Torlai, 2010;

Mattedi, 2008). A resiliência, nesse quadro, não é atributo individual, mas construção coletiva que emerge de relações de confiança, de partilha de saberes e de reconhecimento mútuo.

Corey Dolgon (2024) convoca pesquisadores a atuarem como ativistas que aplicam suas competências analíticas ao trabalho de organização comunitária, educação popular e construção de mudança social radical. O autor propõe o engajamento com as comunidades em lugar do distanciamento acadêmico para que se possa abrir espaço e dar centralidade às vozes e experiências dos grupos historicamente marginalizados na produção de conhecimento. Para Dolgon (2024), programas que articulam sala de aula e comunidade, e que colocam os estudantes em contato direto com as problemáticas locais, favorecem o desenvolvimento de competências analíticas, afetivas e políticas indispensáveis à cidadania democrática.

A análise das vulnerabilidades e capacidades territoriais parte do pressuposto de que o risco é uma construção social, produzida na intersecção entre ameaças naturais e condições históricas de desigualdade, exclusão e invisibilidade (Wisner et al., 2004). Reconhecer o território implica, portanto, ir além do mapeamento físico de áreas de risco e incorporar as narrativas, memórias, aspirações e saberes das comunidades que nele habitam.

A inclusão de vozes locais, especialmente de grupos historicamente marginalizados, como os jovens de periferias urbanas, na produção de diagnósticos e estratégias de intervenção não é apenas uma questão ética, mas uma condição para a eficácia e sustentabilidade das políticas de RRD. O projeto aqui relatado, parte da premissa que os jovens estudantes do Cefet/RJ Petrópolis, por habitarem e frequentarem um território marcado por desastres, são detentores de saberes territoriais valiosos que a instituição acadêmica tem o papel de mobilizar e qualificar.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho é um estudo de caso de natureza qualitativa e exploratória. O relato abarca o primeiro ano do Projeto Juventude e Território: Educação Participativa para Resiliência e Redução de Riscos de Desastres em Petrópolis (2025-2027), e descreve as atividades realizadas, os instrumentos aplicados e os resultados preliminares obtidos. A análise baseia-se nos registros produzidos pelos estudantes durante as atividades, bem como em observações das facilitadoras no processo, e em conversas avaliativas realizadas em sala de aula e em equipe.

O projeto foi desenvolvido junto a duas turmas de 1º ano do ensino médio integrado ao técnico em Telecomunicações do Cefet/RJ UnEd Petrópolis. Petrópolis situa-se na Região Serrana fluminense, a cerca de 60 km do Rio de Janeiro, e sua escolha justifica-se pela necessidade de analisar o sítio físico acidentado da Serra do Mar, onde encontram-se áreas de alto risco, e a impermeabilização do solo e o assoreamento dos rios agravam a suscetibilidade a inundações. O recorte espacial dos trabalhos de campo concentrou-se a partir da edificação de ensino, no Primeiro Distrito, na Rua do Imperador, eixo central do Centro Histórico, por sua complexidade como área que comporta fluxos turísticos, patrimônio urbano e serviços. Além, memória viva dos impactos dos eventos extremos de 2022, essa edificação localiza-se inteira dentro da área assinalada pela Defesa Civil como sendo de inundação, em torno de cem metros de distância do leito do rio Quitandinha (Montes, 2019, p. 43 e 79).

Ao todo, 37 alunos estiveram envolvidos nas atividades. Os participantes eram jovens entre 14 e 17 anos, provenientes de diferentes bairros do município. Parte significativa dos registros foi produzida no âmbito de atividades pedagógicas estruturadas nas disciplinas de Geografia e História. Essas atividades buscaram estimular nos estudantes a capacidade de interpretar criticamente o espaço urbano a partir de múltiplas dimensões, reconhecendo a cidade como uma construção social marcada por desigualdades e vulnerabilidades socioambientais.

Empregou-se um conjunto articulado de ferramentas de Pesquisa-Ação Participativa, descritas a seguir, cujo planejamento baseou-se em experiência de Fals Borda (1987):

Etapas	Atividade	Objetivos	Instrumentos
Sensibilização e introdução ao tema	Aulas dialogadas sobre desastres socioambientais, território e vulnerabilidade urbana	Introduzir conceitos básicos de RRD e estimular a reflexão inicial sobre o território	Debates em sala, relatos de experiências, análise de casos locais
Diagnóstico territorial participativo	Caminhadas exploratórias no entorno do CEFET/RJ e no Centro Histórico de Petrópolis	Desenvolver a percepção espacial dos estudantes e identificar elementos de risco e de capacidade no território	Observação da paisagem urbana, anotações em diário de campo, registros fotográficos
Leitura crítica da paisagem	Discussão coletiva das observações realizadas durante as caminhadas	Interpretar as dinâmicas socioespaciais da cidade e relacioná-las às vulnerabilidades socioambientais	Mapas mentais, debates em grupo, sistematização das observações
Cartografia participativa	Elaboração de mapas coletivos e registros cartográficos do território	Representar percepções, memórias e experiências dos estudantes em relação ao risco e à cidade	Cartografia social, mapeamento afetivo, esquemas espaciais
Produção visual	Registro fotográfico do território pelos estudantes	Estimular a observação crítica da paisagem e produzir narrativas visuais sobre risco, memória e pertencimento	Fotografia participativa, seleção e discussão coletiva das imagens
Sistematização e reflexão	Análise coletiva das produções dos estudantes	Identificar transformações na percepção dos alunos sobre o território e discutir caminhos para resiliência	Rodas de conversa, análise interpretativa, síntese dos registros produzidos

Os dados foram coletados de forma contínua ao longo do ano letivo, por meio da sistematização dos registros produzidos nas atividades participativas. A análise foi conduzida de forma interpretativa e reflexiva, buscando identificar padrões de engajamento, transformações no olhar dos estudantes sobre o território, e evidências de aprendizado crítico. As categorias analíticas foram construídas a partir do material empírico, em diálogo com o referencial teórico e foram estruturadas em quatro dimensões indissociáveis: Histórico-Cultural (memórias e silenciamentos), Socioeconômica (uso do solo e fluxos), Geoambiental (dinâmica hídrica e relevo) e RRD. Essa estrutura permitiu aos estudantes compreenderem o patrimônio cultural não apenas como monumento, mas como um ativo de resiliência cuja preservação é uma ação direta de redução de riscos, além de iniciar correlações críticas sobre a complexidade e vulnerabilidade do território vivido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo acontecido em várias etapas, as atividades foram inicialmente organizadas em três fases articuladas: sensibilização e construção de vínculos; diagnóstico participativo do território; e sistematização e compartilhamento dos resultados.

Na fase inicial, foram realizadas atividades em sala de aula e uma roda de conversa na SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão) do Cefet/RJ, nas quais os estudantes foram convidados a compartilhar memórias e sentimento em relação aos eventos extremos ocorridos em Petrópolis, em 2022. Esse momento revelou-se fundamental para criar um ambiente de confiança e para que os jovens percebessem que suas experiências eram legítimas e relevantes para o processo formativo. Muitos estudantes compartilharam memórias pessoais relacionadas ao evento, relatando experiências próprias ou vividas por familiares e conhecidos. Esses relatos revelaram não apenas a dimensão traumática associada ao desastre, mas também a presença de estratégias cotidianas de solidariedade e cuidado comunitário, que posteriormente seriam retomadas nas etapas de diagnóstico territorial.

A fase de diagnóstico, realizada ao longo do segundo semestre de 2025, combinou as caminhadas com o trabalho em sala de aula por meio da construção coletiva de mapas. Durante o percurso a pé no Centro Histórico, guiados pela margem do rio Quitandinha - do Obelisco, convergência com o rio Palatino, até a UPA Centro, zona de estrangulamento a montante (Montes, 2019, p. 79) -, os estudantes foram orientados a observar elementos da paisagem urbana, como arquitetura, usos do espaço público, infraestrutura de drenagem, presença de áreas impermeabilizadas e sinais de vulnerabilidade socioambiental. Para discussões posteriores, documentava-se observações por meio de fotografias e anotações de campo.



Imagem 1: caminhada exploratória no entorno da unidade de ensino e oficina de cartografia conceitual das anotações do caderno de campo

Fonte: Cefet/RJ UnED Petrópolis

As caminhadas, em particular, revelaram-se instrumentos poderosos de reconexão dos jovens com seus territórios. Ao percorrer os bairros com um olhar investigativo e solidário, os estudantes passaram a identificar elementos que antes não percebiam, tanto riscos invisibilizados quanto recursos comunitários negligenciados. Esse processo de reterritorialização, sustentado pela dimensão afetiva das ferramentas utilizadas, está alinhado ao que Börner (2023) denomina de integração das emoções do risco às estratégias de preparação. Os estudantes realizaram percursos orientados de forma estruturada como exercícios de leitura da paisagem urbana, inspirados em metodologias de observação e registros. Durante os percursos, os estudantes foram incentivados a observar o desenho das ruas, os usos do espaço público, os elementos da paisagem natural e construída, bem como as dinâmicas sociais presentes no território. Essa abordagem buscou desenvolver a percepção espacial e estimular a interpretação crítica das relações entre ambiente, urbanização e

vulnerabilidade socioambiental, considerando elementos de risco (encostas, sistemas de drenagem, moradias vulneráveis) e de capacidade (redes de solidariedade, recursos comunitários, iniciativas locais). As caminhadas funcionaram simultaneamente como ferramenta de diagnóstico e de reconhecimento afetivo do território.

Paralelamente, em cartolinas compartilhadas, os estudantes mapearam capacidades territoriais frequentemente invisibilizadas: redes informais de solidariedade, iniciativas comunitárias, lideranças locais com conhecimento acumulado sobre o território, e o próprio Cefet/RJ como espaço de referência e proteção. Essa leitura dupla voltada para vulnerabilidades e capacidades é central para a abordagem de RRD adotada pelo projeto e constitui a base para a construção de estratégias de resiliência contextualmente fundadas. Ferramenta de visualização coletiva das aspirações dos jovens para o seu território. O exercício estimulou a reflexão sobre a percepção ambiental e a elaboração de cartografias afetivas. Os jovens foram instigados a mapear não apenas os pontos de risco físico (alagamentos e barreiras), mas também os "lugares sagrados", de diversão e de encontro, identificando quem pode ou não ocupar determinados espaços na cidade. O exercício permitiu visualizar a cidade como uma construção simbólica, onde o território é lido através de sentimentos de pertencimento ou exclusão.



Imagem 2: produção de grupo em cartolina e segunda caminhada exploratória de checagem

Fonte: Cefet/RJ UnED Petrópolis

Destaca-se a produção fotográfica, recurso particularmente potente para estimular a observação crítica da paisagem. Os jovens utilizaram as fotografias como ferramenta de registro, expressão e análise do território. As imagens capturaram elementos simbólicos da cidade, como monumentos, fachadas históricas e espaços de encontro, permitindo discutir simultaneamente risco, memória e pertencimento no território. As fotografias tornaram-se material diletto de discussão coletiva e de narrativa sobre as realidades vividas, conferindo visibilidade às suas perspectivas sobre o risco e a resiliência. Elementos associados aos eixos analíticos trabalhados nas atividades - risco, potencialidades, memória e exclusão – puderam ser visualmente registrados e serviram de base para discussões coletivas sobre as dinâmicas socioespaciais da cidade. Parte desse material foi posteriormente organizado em uma proposta de exposição fotográfica discente, concebida como estratégia de comunicação científica e educação patrimonial voltada à comunidade escolar.

Um dos desafios mais significativos deste primeiro ano foi a resistência dos alunos que, de acordo com o referencial teórico adotado, pode ser compreendida como expressão de

evitação traumática (Börner, 2023). À medida que o programa avançou e que espaços de escuta e elaboração afetiva foram criados, observou-se uma gradual abertura ao tema.

A experiência confirma a relevância da abordagem participativa orientada para a educação em RRD com jovens em contextos marcados por desastres. Três aprendizados se destacam:

1. a imprescindibilidade de criar espaços de escuta antes de iniciar o diagnóstico técnico: sem que os jovens se sintam acolhidos em sua experiência, a mobilização para o olhar crítico sobre o território não será possível;
2. o valor insubstituível da saída de campo: caminhadas produzem formas de conhecimento que nenhum instrumento em sala de aula é capaz de gerar, por combinar observação direta, interação com moradores e vivência corporal do território;
3. a potência da criatividade, explorada neste projeto por meio da fotografia, como ferramenta de agência: ao se tornarem produtores de imagens sobre seu território, os jovens exercem um poder de narração que os desloca do lugar de vítimas para o de intérpretes e agentes críticos da realidade.

Entre os desafios encontrados, destacam-se a dificuldade de conciliar o programa com as demandas do currículo formal e a resistência inicial de alguns estudantes em se engajar em uma leitura crítica do território. Esses desafios indicam a importância de articular o programa de RRD com os demais planos docentes, atividades de extensão do próprio Cefet/RJ, além de secretarias, comitês, organizações e setores que trabalham temas relacionados ao território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou narrar e analisar o primeiro ano da experiência de PAP para a RRD, no quadro da parceria Cefet/RJ e GARDE. Os resultados preliminares indicam que a combinação de PAP com uma abordagem sensível às afetividades produz condições favoráveis ao engajamento juvenil em contextos marcados por desastres, ao desenvolvimento de uma consciência territorial crítica e ao fortalecimento de redes interinstitucionais de resiliência.

Do ponto de vista teórico, o projeto contribui para o debate sobre a educação em RRD ao demonstrar que a eficácia das abordagens pedagógicas nesse campo depende não apenas da transmissão de conhecimentos técnicos sobre riscos e vulnerabilidades, mas da criação de condições afetivas e relacionais que permitam aos jovens elaborar suas experiências, ressignificar seus territórios e exercer agência sobre seus futuros.

Do ponto de vista prático, a experiência evidencia o potencial das parcerias interinstitucionais entre escolas técnicas e organizações da sociedade civil para a promoção de programas educacionais territorialmente enraizados e metodologicamente inovadores. As próximas etapas do projeto previstas para 2026 e 2027, incluem a sistematização e publicização dos diagnósticos coproduzidos pelos estudantes, o desenvolvimento de produtos culturais e comunicacionais para a disseminação comunitária dos resultados e a possível expansão do programa para outras unidades do Cefet/RJ e entidades de ensino. Pesquisas futuras poderão aprofundar a análise dos efeitos do programa sobre o engajamento cívico e a resiliência dos jovens participantes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. S. et. al. (2023) Psicologia das emergências e desastres no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista de Psicologia da IMED**, 15(1), 134–149. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/4597/3174> Acesso em: 1fev2026.

BÖRNER, S. (2023) Emotions matter: EMPOWER-ing youth by integrating emotions of (chronic) disaster risk into strategies for disaster preparedness. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, 89, 103636. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212420923001164> Acesso em: 1 fev2026.

BRUCK, N. V. (2007) **A psicologia das emergências e dos desastres: contribuições para uma política de defesa civil** Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5036/1/000389783-Texto%2BCompleto-0.pdf> Acesso em: 1 fev2026.

CAVANAGH, A. et al. (2021) Disaster risk reduction education: Tensions and connections with sustainable development goals. **Sustainability**, 13(19), 10933. <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/19/10933> Acesso em: 1 fev2026.

DOLGON, C. (2024) **The Oxford handbook of sociology for social justice**. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <https://academic.oup.com/edited-volume/58211> Acesso em: 1 fev2026.

FALS BORDA, O. (1987) The application of participatory action-research in Latin America. **International Sociology**, 2(4), 329–347.

GEHL, J. (2013) **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva.

GOMES, P. C. (2013) **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

MATTEDI, M. A. (2008) A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 28(2), 1–18. https://www.researchgate.net/publication/260385828_A_abordagem_psicologica_da_problemativa_dos_desastres_um_desafio_cognitivo_e_profissional_para_a_psicologia Acesso em: 1 fev2026.

MELOS, A. et al. (2024) Programa RRD Cefet-RJ em Cooperação Técnica com Garde: Ações Extensionistas em Redução de Risco e Desastres. **Anais do IV END - Encontro Nacional de Desastres da ABRHidro**. Disponível em: <https://anais.abrhidro.org.br/job.php?Job=16795> Acesso em: 1 mar2026.

MONTES, V. et al. (2019) **Atlas da Região Hidrográfica IV: Piabanha**. Petrópolis: AGEVAP.

SANTOS, M. (2006) **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp.

SPECK, J. (2017) **Cidade caminhável**. São Paulo: Perspectiva.

TORLAI, V. (2010) **Luto e desastre: a vivência das inundações em Blumenau** [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14965/1/Viviane%20Cristina%20Torlai.pdf>. Acesso em: 1 fev2026.

TUAN, Y. (1980) **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL.



UNDRR – United Nations Office for Disaster Risk Reduction. (2020) **Words into action: Engaging children and youth in disaster risk reduction and resilience building**. UNDRR. Disponível em: <https://www.undrr.org/words-into-action/engaging-children-and-youth-disaster-risk-reduction-and-resilience-building>. Acesso em: 1fev2026.

WISNER, B. *et al.* (2004) At risk: Natural hazards, people's vulnerability and disasters. Routledge. https://www.preventionweb.net/files/670_72351.pdf?startDownload=true Acesso em: 1fev2026.